

César Lattes acha a bomba uma bobagem

CAMPINAS, SP — A energia nuclear será importante para o Brasil, no futuro, mas não deve ser utilizada para fabricar a bomba, de acordo com o cientista brasileiro Cesare Mansueto Giulio Lattes, que previne: "Acho uma bobagem porque quem faz está pedindo que lhe joguem uma em cima". Há 40 anos, César Lattes, como é mundialmente conhecido, descobriu o méson-pi, partícula elementar do átomo, mas de fundamental importância para as ligações entre prótons e nêutrons. No ano seguinte, 1948 produziu esta partícula no laboratório da Universidade de Berkeley, Estados Unidos. A descoberta — uma contribuição valiosa à física moderna — será comemorada esta semana na Unicamp, da qual se aposentou ano passado.

Hoje, aos 63 anos, adoentado, César Lattes pode hoje relacionar numerosas contribuições à ciência em seu extenso currículo, mas tem permanecido calado há anos, desapontado com as críticas em 1980 por ter contestado a Teoria da Relatividade, de Einstein. Citado por Isaac Asimov como um dos quatro brasileiros (os outros são Oswaldo Cruz, Vital Brazil e Carlos Chagas) da lista dos dois mil "gênios da humanidade", ele vive semi-recluso em sua casa, em Campinas.

Diz que evita a imprensa por não ter o que falar, mas concordou em quebrar o silêncio nesta entrevista exclusiva ao GLOBO.

O GLOBO — Como o senhor analisa o que se faz hoje em ciência no Brasil e a política científica oficial?

CÉSAR LATTES — Não tenho acompanhado tudo, mas a palavra ciência tem dois sentidos bem diferentes. Num, ela é a procura do conhecimento visando a entender a natureza, e aí as prioridades não podem ser decididas independentemente dos talentos individuais. É inútil decidir, investir em alguma coisa, se não há talento para aquilo. No segundo sentido, a ciência significa alguma coisa que é feita para o bem-estar do homem, e isto o Brasil, com graves problemas de alimenta-

ção, saúde, educação e saneamento, está muito atrasado. Temos uma elite privilegiada que goza do que a ciência e a tecnologia produzem, mas a maioria está à margem. O progresso científico anda rápido, mas o social e político não.

— E a questão nuclear? O senhor considera necessário o investimento?

— Se é para fazer a bomba, eu acho uma grande bobagem, porque quem faz está pedindo que lhe joguem uma em cima. Quanto à energia, ela será necessária no futuro, mas há alternativas em estudo, porque essa energia derivada da fissão é perigosa, e nem se sabe ainda o que fazer com o lixo. O Brasil tem grandes reservas hidrelétricas, e há a energia solar, que seria a melhor solução num país dos trópicos, onde não há grande diferença entre inverno e verão. Mas, não tenho acompanhado bem esses assuntos.

— Em 1980, o senhor contestou a Teoria da Relatividade, foi muito criticado, voltou atrás e depois calou-se. O que houve?

— O Princípio da Relatividade foi enunciado de forma implícita por Galileu há 400 anos e baseia-se em que um movimento retilíneo e uniforme não seria percebido a não ser que se olhasse para fora. A inclusão dos fenômenos óticos nesse princípio foi feita por Frenel, no início do século passado, de forma aproximada, e de maneira exata por Lawrence, no fim do século passado. No começo deste século, Poincaré e Einstein chegaram aos mesmos resultados, mas enquanto Poincaré dizia que seria bom ver as conseqüências lógicas e aceitar esses princípios, Einstein

colocou como dogma que a natureza é assim, e não que isso é apenas o que se sabe agora. Se, com o progresso da ciência, um dia se descobrir que o princípio não vale para tudo, cai o dogma de Einstein, mas permanece o que foi dito por Lawrence e Poincaré.

— E sua experiência?

— O que fiz em 1980 foi uma tentativa de medir a velocidade da Terra por meios óticos. O resultado parecia discutir o Princípio da Relatividade, mas não se repetiu. Foi espúrio por deficiência de laboratório.

— Não foi tentado novamente?

— Eu não tentei muito. Não tinha instrumentos de precisão e houve muita onda. Prefiro me afastar. Depois daquele episódio, eu soube que a mesma experiência havia sido feita por Angström, na Suécia, em 1885, com resultado parecido. Agora, já foram publicados três trabalhos de tentativas de outros grupos que procuram o mesmo que procurei, e têm resultado positivo. Um princípio proibitivo é muito forte para ser aceito sem experiências. Isso está em desacordo com o procedimento científico.

— Qual sua curiosidade científica não satisfeita? Se estivesse começando agora, mas já de posse de todo o conhecimento que adquiriu, o que pesquisaria?

— Acho que gostaria de procurar responder os "para quês". A ciência tenta responder o "quê" e o "porquê". Como carreira, escolheria Veterinária ou Agronomia. Física não, porque é muito difícil e não sei se gosto. Temos muito pouco livre arbítrio. Na verdade, vamos para onde somos jogados.

R. O Globo 28.9.87